

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO
ESTRANGEIRO



ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Vencido de porte
Anno ou 24 numeros	2\$000	Trimestre ou 6 numeros ...
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago à entrega
		ESTRANGEIRO
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 20

15 DE OUTUBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 48, Rua do Loreto, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por GUILHERME DE AZEVEDO — Os ultimos amores de Goethe, por D. MARIA AMALIA VAN DE CARVALHO — As doze gravuras — Marquez de Sousa Holstein, por PINHEIRO CHAGAS — Excerptos — Monsenhor Joaquim Pinto de Campos, por ALBERTO GAMA — Notas soltas, F. SA de Miranda, por JACINTO PERES

— O Melões, por FRANCISCO D'ALMEIDA — Ruínas do Paço dos Condes da Ericeira, por ALBERTO TELLES — Actualidades scientificas, O Micro-tasimetro, por F. BENVENISTE.

GRAVURAS. — Romeu e Julieta — A passagem do vau — Marquez de Sousa Holstein — Monsenhor Joaquim Pinto de Campos — Fachada da Exposição da Suíssa, no Campo de Marte — Ruínas do Paço dos Condes da Ericeira — Fachada da exposição dos Estados Unidos, no Campo de Marte — Micro-tasimetro — Enigma.



ROMEU E JULIETA — Aguarella de Gonçalves Pereira, pertencente à sr.ª Duquesa de Palmella — (Desenho posthumo do mesmo author)

CHRONICA OCCIDENTAL

A suavissima e sempre melancholica estação do anno que tantas canções doloridas tem inspirado e tantos versos dolorosos tem soffrido, chegou em fim. Entretanto os que não vivem na solidão dos campos, no salutar convívio dos ulmeiros frondosos e das grandes faias esbeltas e aerias, mal podem, na esteril aridez do Chiado ou da rua do Ouro, suppor o que seja na realidade a musica plangente d'essa eterna sonata — a queda das folhas, de que nem a poesia enervante e triste de Millevoy, nem a queda das folhas... de 10 réis, nos podem dar a mais remota idéa.

Temos é verdade as corridas do Outono no hypodromo de Belem, que nada deixam a desejar como quadro desolador e triste; todavia quanto é diversa a melancholia profunda de que n'este momento se revestem ao longe as campinas, na solidão solemne da natureza, quando á tarde a luz frouxa do sol moribundo colora o pinaculo das montanhas e a coma amarelada dos arvoredos!...

Não quero dizer com isto que as corridas do Outono, pelo caminho que vão levando, se não possam entre nós aperfeiçoar até ao ponto de se tornarem uma instituição perfeitamente melancholica e digna dos costumes nacionaes. Da mesma maneira que as arvores se despem de folhas, vão-se ellas tambem despindo de cavallos e d'espectadores; entretanto em quanto o sport portuguez não acompanhar os seus devaneios hypicos ao piano, entrando resolutamente no caminho da recitação em vez d'entrar na do hypodromo, não podem talvez as referidas corridas do Outono tomar-se como reprodução exacta d'um estado moribundo da natureza n'esta quadra do anno.

A nossa indole vaga e seismadora está pois exigindo imperiosamente esta modificação radical nos torneios hypicos — em vez da corrida de velocidade, a valsa de fundo com o premio d'uma sandade d'ouro ou de qualquer outra flôr symbolica, offerecido pelo governo ou pelos sentimentalistas nacionaes.

É o melhor meio de estimular os devaneios patrios.

— As folhas caem, mas as celebridades surgem. Portugal ufana-se n'este momento de mais um phenomeno na pessoa do nariz-flauta que ha poucos dias fez a sua estreia n'um dos theatros de Lisboa. Largos horisontes se abrem aos narizes luzos com o apparecimento d'aquelle organo phenomeno, e será preciso uma descreença profunda para não acreditar d'ora ávante na reabilitação espirital d'um povo que pôde com a simples menção d'assuar-se, começar a tirar fantasias concertantes das fossas nasues.

Paes de familia: d'ora em diante, quando os vossos meninos marcharem pela rua, com o dedo mettido no nariz, não os pertubeis na sua grave meditação. Quem sabe o que elles procuram com o dedo juvenil na profundidade d'aquelle abysmo; quem sabe?

Deixae senhores, deixae. É talvez o nariz do futuro que passa.

D'ora ávante é preciso admitir que todo o homem nasce mais ou menos com uma flauta sobreposta ás fossas nasues, e justiça seja feita a tantos conselheiros previdentes que, antevendo o futuro d'aquelles orgãos, os mandaram ha muito forrar de marroquin, trazendo-os cuidadosamente embrulhados em grandes lenços de seda.

Sendo Portugal o paiz aonde se dorme mais, dentro em pouco não se admitirá que ninguém se deite sem uma partitura á cabeceira para roncar por musica.

E não se estranhará tambem que, para commodidade na condução, muita gente comece a usar argolas no nariz.

É realmente brilhante o futuro que a rivalidade dos mani-flautistas nos preparou!

— As andorinhas vão partir. Juntam-se em bandos, chilreando, á beira dos telhados, e conversam alegremente nos preparativos de viagem. Vão passar o inverno, provavelmente, nas praias do Mediterraneo, na Madeira, n'outros climas risonhos e temperados, á hora em que os nossos pobres *touristes* voltam do Espinho ou de Pedrouços a sepultar a sua hypocondria nos estabelecimentos da baixa ou nos camarotes do theatro lyrico. Oh, como as andorinhas se hão de rir ás gargalhadas, na sua *villgiatura* de Nice, dos tristes trovadores portuguezes, que d'ordinario as cantam á hora da partida, peserosos de que elles abandonem os beirados do terreiro do paço e não adoptem antes a resolução de enfiarem mangas d'alpaca e principiarem a escrever ao lado d'elles nas repartições!...

Em compensação, porém, das andorinhas que partem, alguns rouxinoses vão chegando detendo o vôo no Chiado. S. Carlos vae abrir-se. Começa-se a notar certo movimento auspicioso no mundo lyrico. Como pronuncio d'este anecio das almas, um jornal portuguez deu-nos ha poucos dias a lenda primitiva e desconhecida da Patti, que longe de ser escandalosa como a da marquezia de Caux, é realmente sympathica e extremamente sentida. Ella.

«Conta-se que Adelina Patti ao voltar da America á Europa com sua familia, naufragára indo todos aportar a uma povoação desconhecida e que a gentil *banbina* havia sido a salvação dos naufragos por ter tido a fortuna de deixar ouvir a voz em trovas infantis. Os habitantes d'aquelle lugar inhospito chegaram a convencer-se de que Adelina era felizissima e desde então a musica realisára a inexperada conversão d'aquelle gentio».

Não nos diz a lenda a que povoação desconhecida aportára a *banbina*, o que nos impossibilita d'apreciar historicamente se a referida lenda é ou não verdadeira. Se o naufragio se realison, por exemplo em Angoche, e se os naturaes do paiz que até ali comiam gente passaram simplesmente a votar no sr. conselheiro Arrobas, é indiscutível,

e está pelo menos reconhecida a efficacia da opera italiana contra os excessos gastronomicos dos selvagens.

— Cumpre-nos entretanto respeitar todos os madrigaes amaveis, de qualquer natureza que elles sejam, quer em prosa quer em verso. Por exemplo, aqui tem o leitor um que hade encontrar, escripto na letra fantasiosa de Guerra Junqueiro, se se der ao trabalho de percorrer todos os leques curiosos de Lisboa: tambem o descobri por acaso.

Na vareta d'um leque

No Eden uma vez, era de madrugada,
Aodava n'uma rosa uma vespa doirada.

Satanaz, como sae da concha um caracol,
Tenebroso e escorrendo em purpuras de sol,
Saliu alegremente, a rir, d'entre o arvoredo;
Chegou-se ao pé de Deus e disse-lhe um segredo
Em voz baixa ao ouvido.

Isto foi na manhã,
Em que Eva devorou a celebre maçã,
E Deus disse ao demónio.

— O brejeiro é preciso
Dar armas á mulher para que o homem peque.

E Jehovah da rosa então fez-lhe um sorriso
E das azas da vespa o diabo fez-lhe um leque.

— Depois da batalha eleitoral ferida ao pé da urna, trata-se n'este momento de curar os feridos e d'enterrar os mortos. Os partidos recolhem os seus *cadaveres gloriosos*, aguardando novos dias mais promettedores e mais risonhos em que tão *gloriosos cadaveres* possam ir repouzar socegradamente no pantheon do tribunal de Contas. Elles não pedem muito; contentar-se-iam até em descansar segundos officiaes se não fosse possivel outra coisa, e haveria mesmo cadaverzinho que se daria por feliz se o fizessem amannense; mas d'estes tues é indigno fallar.

Em todo o caso o que está reclamando uma modificação importante é a construoção das urnas. É preciso dar a estes vasos constitucionaes uma solidez ou um feitiço que os livre de serem tão facilmente violados. Assim como se fazem cofres á prova de fogo, por que se não hão de fazer urnas á prova de soborno?

A urna devia ser um vaso limpo e transparente, de maneira a deixar observar na sua evolução esse phenomeno extraordinario que dá em resultado a *sympathia* d'um regedor transformar-se ordinariamente n'um cavalheiro de suissas e chapéo alto, que em virtude d'um machinismo interior approva leis e faz discursos, ás vezes.

Havia até n'isso uma grande vantagem em proveito dos modernos processos litterarios. Em vez da gente se servir da velha formula rhetorica — *á urna, á urna!* para estimular o brio dos povos, podiamos, attenta a urna ser de cristal, usar d'este brado muito mais natural e, sobretudo, muito mais convidativo: — *ao copo, ao copo!*

Só portuguezes sem fé deixariam então de levar a urna... á boca. Quem haveria que não quizesse, ao menos uma vez, beber pelo mais respeitavel symbolo do systema que nos rege?

— Vae começar a verdadeira epocha theatral. As celebridades lyricas já chegaram. S. Carlos conclue a sua nova *toilette*: polvilha-se, põe ingredientes, esmalta-se e tira de cima de si o peso de quasi um seculo com as respectivas teias d'aranha. A grande arte vae ter, em fim, entre nós, algumas ruidosas noites de gloria.

Entretanto, é custoso ver as afflicções em que se encontra o noticiario portuguez, sem saber ainda ao certo os epithetos que ha de applicar á Ristori, d'aqui a algumas noites, quando ella representar a *Phedra* ou a *Medea!*

Porque o noticiario portuguez folheia os seus cadernos de elogios, e vê, por exemplo, — *admiravel*.

Epitheto já servido. Foi applicado ao tigre marinho que fez o espanto da cidade ainda não ha muitos mezes.

Sublime: adjectivo consagrado ao ultimo nariz-flauta que atravessou o firmamento da arte portugueza.

Formosa rainha da scena: tropo applicado á sr.^a Grós; e registrado em nome d'outras celebridades do *can-can*.

Prodigio inaudito: frase para uso exclusivo dos phenomenos, e por excepção dispensada á sr.^a Moriones na descripção da festa do seu beneficio.

Em fim, o noticiario portuguez vê-se em serios embarços. Elle faz, e com razão, o seguinte raciocinio: será a Ristori como manifestação artistica superior a qualquer dos narizes-flautas portuguezes? Se o for — do que elle duvida um pouco, diga-se de passagem — é realmente uma injustiça applicar-lhe unicamente o parco *sublime* dos dias ordinarios. Entretanto a lingua portugueza é realmente pobrissima d'adjectivos mais pomposos!

Eis a triste situação em que se vê o noticiario portuguez n'este momento, sem esperanças de soccorro, porque realmente é muito mais facil inventar genios do que inventar vocabulos.

N'este ponto tambem os costumes da imprensa estão exigindo modificações importantes. É preciso ensinar o noticiario portuguez a ser mais poupado nos seus cabedoes de rhetorica e no seu peculio d'epithetos. É realmente triste que appareça uma celebridade europêa que elle não possa obsequiar, em consequencia de ter esbanjado todo o seu patrimonio d'adjectivos com a phoca, não possuindo para um grande genio da scena outro thuribulo senão aquelle com que acaba d'incensar um nariz habilitoso.

GUILHERME D'AZEVEDO.

OS ÚLTIMOS AMORES DE GOETHE

IX

(Continuação de número antecedente)

Eram sem conto as histórias que a senhora de Goethe narrava, como prenúncios indicativos da futura grandeza de seu filho. Dizia como elle amava o bello até ao extremo de chorar em pequenino quando acertava de ver qualquer pessoa feia; como tinha já bem moço o supremo instinto da sua superioridade, como era concentrado a ponto de parecer insensível aos estranhos que o não estudavam de perto; como deixava perceber às vezes o orgulho quasi inconsciente que o separava das naturezas vulgares, e sobretudo que formosura distincta e magestosa era a sua, formosura que os annos não podiam destruir, porque provinha ainda mais, que da harmonia das feições, da luz interior que as animava e lhes idealisava a expressão.

Esta preocupação da belleza do filho senta-se muitas vezes nas conversações da velha *conselheira*, e na influencia que ella operou, no animo impressionavel de Bettina.

Esta em breve deixou de ser a ouvinte passiva d'aquelles improvisos brilhantes, para se tornar a sua exigente e insaciavel inspiradora.

Sentada com o seu ar vivo e inquieto nos pés da *senhora conselheira* embestia-se perigosamente na contemplação d'um ente chymérico, que não existia já, se porventura havia existido alguma vez.

Os homens que a rodeavam estavam longe de se aproximarem da levantada criação d'esse ideal perfeito e unico.

Tudo tinha complicitade com ella, no sentimento que lhe desabrochou um dia como flor maravilhosa, no seu coração tão pouco d'este mundo; tudo desde o amor d'aquella mãe sublime de cegueira até á adoração da Alemanha que repetia em torno d'ella entre aclamações o nome do semi-deus.

Este sentimento porém, com ser o predominante na vida de Bettina, com ser o que lhe deu nome e celebridade, o que ligou para sempre a sua memoria graciosa, á memoria d'um dos maiores vultos dos tempos modernos, não nos interessa tanto a nós, como a sua amizade tão filial, tão cheia de finas delicadezas e de consoladora dedicação pela mãe esquecida d'esse mesmo homem que foi um colosso de genio e... de egoismo.

Quando Bettina apparece no gabinete da sua velha amiga, é como um raio de sol que entra pela janella; tudo se alegra e se doira com ella.

— «O olhar que treme e scintilla no fundo da sua pupilla escura, faz-me lembrar as vibrações penetrantes do violoncello de Romberg» — diz d'ella a boa *conselheira*.

Depois é sempre mensageira de taes riquezas! Um dia traz-lhe uma historia comica em que figura algum dos galans suspirosos que á rodeiam e que ella nem anima, nem desespera, para quem é alternativamente amavel ou cruel, que conduz atrelados e humildes a sua pequena mão de caçadora.

Outras vezes é uma colheita enorme de flores, de folhas, de espigas de trigo, que apanhou n'uma das suas corridas pelo meio dos campos, que veem ainda humidas do orvalho, polvilhadas d'aquella poeira luminosa e prateada que é a caricia muda das plantas, e que ella atira ao chão, aos pés da boa da senhora sem lhe dar mais attenção do queitaria a um trapo velho.

— «Assim é que tu és, tiveste tanto trabalho para colheres essas flores, e agora não fazes caso d'ellas. Vamos, traze-me uma jarra que as quero eu arrancar.» — admoestava a senhora de Goethe.

E, verdadeira mãe do poeta naturalista, ella que dispõe em ordem o seu thesouro vegetal, dizendo os nomes de cada uma das plantas, harmonisando-lhes as côres, affagando-as como se affaga um ente animado que nos entende e nos corresponde.

De repente e sem que ninguém o esperasse Bettina que não podia conservar-se quieta em parte nenhuma, abalava para ver paesagens novas, novas scenas e novos personagens, que encontramos retratados nas suas cartas deliciosas.

Estranha creatura. Tudo que ella diz faz pensar; a sua loucura é profunda como uma philosophia, e a sua seriedade tem todos os arabescos da imaginação!

Tão difficil é surprehender Goethe na sem-cerimonia da vida usual como surprehender Bettina em flagrante delicto de artificio ou de convenção. É sempre ella, e não é nunca a mesma.

A agua nos seus meandros caprichosos que reflectem o azul do céu, a verdura sombria das arvores, a curva ondoante das montanhas; o fogo com os seus pennachos de saphiras, com as suas cascatas de rubis, com as vivas crepitações, e o oiro em fusão das suas chamas, os vapores que se levantam do rio como o manto rendilhado das ondinas, tudo o que é vago, transparente, inconstante e mysterioso se encontra n'ella.

Quando ella falla, todas as coisas de que falla, parecem animar-se de uma vida propria. A gente não se cansa de a seguir pelos valles cheios de verdura, ou pelas montanhas cobertas de neve, pelos cabeços por onde a cepa entrelaça as suas folhas lustrosas, ou pelos pomares onde os pecegos cor-de-rosa pedem as dentadas do appetite juvenil, e onde o morangal esconde em ninhos de esmeralda as suas *perolas de purpura*.

Uma vez conta que montou no cavallo branco de Rotchild, no seu cavallo favorito que o opulento banqueiro lhe offereceu, e que o

levou em vertiginoso galope por uma ladeira escabrosa. Todos empalideceram de susto, todos a julgaram perdida, só ella depois de domar o feroz animal volta com elle até ao sitio onde a familia a esperava sem ter percebido o perigo, ou percebendo-o talvez só para melhor lhe saborear o gosto irritante e acre.

Outra vez descreve-se sentada, á noite, n'uma das margens do Rheno onde fóra em digressão com a familia, a ler Homero á gente do campo, em quanto a lua levantando-se por detraz das montanhas illuminava o scenario, um fogo ardia n'um barco preto ancorado ao largo e o cão pequeno corria sobre a ponte ladrando de vez em quando aos sussurros longinquo da noite.»

«Se eu não tivesse lido Homero aos camponeses nunca teria entendido bem as suas bellezas. As reflexões e as perguntas d'elles revellaram-me o poeta.»

Devemos confessar que nos parecem fabulosamente atilados estes camponios que comprehendem e saboream as obras primas da Grecia.

Em Colonia, Bettina visita a cathedral á hora em que o sol reverbera nas altas e coloridas vidraças ogivales, e em quanto as pessoas que a acompanhavam, observam e analysam as preciosidades artisticas da igreja, ella trepa com a temeridade habitual por todos os lados do vasto edificio, baloiça-se sem medo da vertigem nas arcadas gigantes, e escreve á *senhora conselheira* do alto do monumento, serenamente sentada n'uma *rosa gothica*.

Receber cartas d'estas, deve ser na verdade um dos mais finos prazeres d'uma intelligencia culta, mas pela insistencia com que a senhora de Goethe chama a sua pequenina fada inconstante vê-se que a presença d'ella ainda é superior á sua graça epistolar.

— «Volta depressa, dizia-lhe ella n'uma das suas cartas, este anno sinto-me peor que o anno passado; ás vezes desejo que venhas; não sei que susto me assalta.»

Fico horas inteiras scismando em Wolfgang, a lembrar-me de quando elle era pequenino e se rollava aos meus pés, de como sabia entreter o irmão e contar-lhe historias. *Preciso absolutamente d'alguem a quem conte estas coisas, e ninguém me oure como tu.* Vem depressa, contar-te-hei as mais bonitas coisas de Wolfgang. O dia em que não fallo d'elle é um dia incompleto.

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

AS NOSSAS GRAVURAS

GONÇALVES PEREIRA E OS SEUS DESENHOS

ROMEU E JULIETA

A gravura da primeira pagina do OCCIDENTE representa hoje uma homenagem e ao mesmo tempo uma saudosa recordação. É um desenho posthumo d'um artista notavel que acaba de morrer no vigor da idade, quando o seu talento tanto promettia ainda á arte portugueza. Gonçalves Pereira foi discipulo da Academia e apresentou diversos quadros nas exposições de bellas artes realisadas em Lisboa, destacando-se entre elles, o que, desenhado pelo proprio auctor, sobre uma aguarella original, tem hoje o logar d'honra na nossa folha. Como composição graciosa, extremamente humoristica na intenção, o *Romeu e Julieta*, é certamente digno de nota, e merece pela execução um logar distincto entre a pequena galeria dos nossos artistas contemporaneos.

A aguarella original foi adquirida pela sr.^a duquesa de Palmella por occasião d'apparecer na ultima exposição das bellas artes, em 1876.

Antonio Joaquim Gonçalves Pereira, o malogrado artista, roubado á arte e ao amor dos seus quando ainda não contava 40 annos, distinguia-se por uma variada aptidão e deixa alguns quadros notaveis em que se revelam apreciaveis qualidades d'observação a par d'um grande sentimento da côr.

Entre as suas obras devemos mencionar o *Cão e o gato*, *Vista da Penha longa*, e *Vista da Tapada d'Ajuda*, que lhe mereceu uma medalha de prata no concurso trienal da academia das bellas artes, da qual o author foi discipulo, ganhando ahí a estima do nosso distinctissimo pintor Annunciação de quem procurava seguir a indole.

Na esculptura, arte em que tambem exercia a sua actividade como simples curioso, deixa alguns trabalhos apreciaveis e que lhe fazem honra, entre outros o busto do sr. José Gregorio da Silva Barbosa, amador apreciavel e amigo de todos os artistas portuguezes.

Em fim, Gonçalves Pereira, sufocado um pouco nas suas aspirações pelas condições do meio acanhado em que viveu, sendo obrigado a dedicar-se ao ensino do desenho para occorrer ás necessidades materiaes da vida, não nos deu tanto quanto o seu talento podia dar, mas deixa em todo o caso uma lacuna importante no pequeno grupo dos artistas portuguezes que no meio da indiferença geral ainda crêm e ainda trabalham.

Procuraremos ainda dar algumas reproduções de quadros d'este artista notavel.

A PASSAGEM DO VÁU

Este pequenino quadro, é outro desenho posthumo do malogrado artista Gonçalves Pereira. É uma scena singellissima da nossa vida



A PASSAGEM DO VAU (Desenho posthumo de Gonçalves Pereira)

rural. Representa uma passagem do vau. Quem tiver percorrido as margens do Tejo ou do Mondego reconhece logo a suave naturalidade com que o assumpto está tratado. Ha extrema delicadeza, e sobretudo muita verdade, nos toques da formosa composição reproduzida pela nossa gravura.

A FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA SUISSA

Esta fachada fórma ao mesmo tempo a entrada da secção Suissa e reproduz o typo de construcção mais usada no paiz. A porta é uma imitação das velhas portas de Berne. E encimada por uma cupula ornada de pinturas decorativas, azul e ouro. Existem especimens d'estas cupulas nos cantões de Zurich e Turgovia.

No entablamento destaca-se a divisa nacional — *Um por todos, todos por um.*

Esta fachada faz honra a mr. Jaéger o architecto suíço que a concebeu e executou. Mr. Jaéger é um architecto distinctissimo. Foi elle quem construiu durante o cerco de Paris o grande hospital-barraca no jardim do Luxembourg.

A fachada Suíssa, não falta pois extrema originalidade aliada a um extremo bom gosto.



MARQUEZ DE SOUSA HOLSTEIN — Inspector da Academia de Bellas Artes de Lisboa. Fallecido em 30 de setembro de 1878. (Segundo uma photographia)

FACHADA DA EXPOSIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS

A fachada dos Estados Unidos representa uma casa portatil, de madeira, semelhante ás que os colonos constroem no interior do paiz. Estas casas transportam-se, peça por peça, e montam-se com a mesma facilidade, em qualquer ponto que seja. A construcção typica representada na nossa gravura é extremamente original e foi levada a cabo sob a direcção de Pettif, o engenheiro constructor do palacio da exposição de Philadelphia.

MARQUEZ DE SOUSA HOLSTEIN

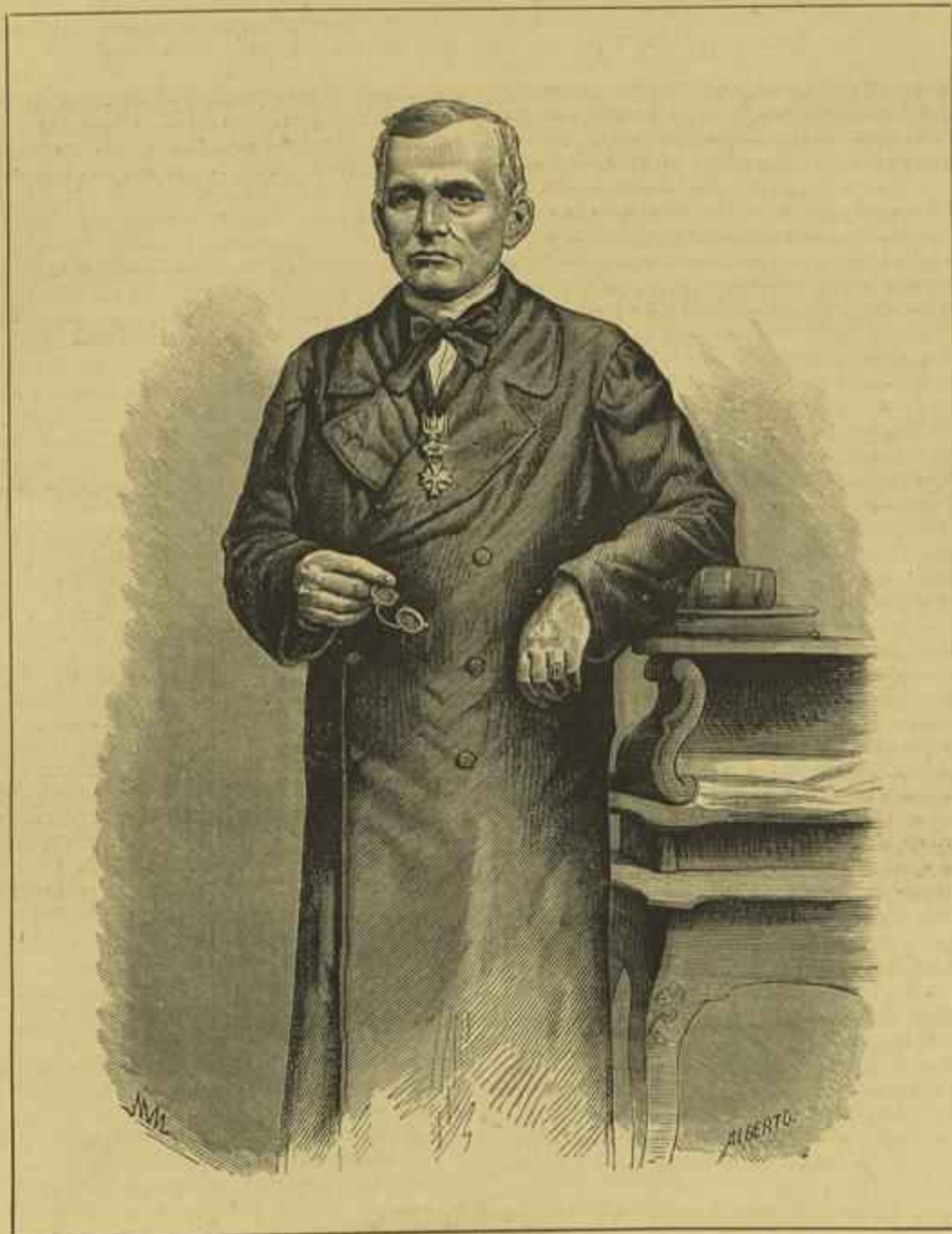
O homem cujo retrato O OCCIDENTE apresenta hoje aos seus leitores, desappareceu do mundo em plena força da vida. Contava apenas 40 annos. Filho do grande duque de Palmella, nasceu em Paris em 1838. Foram talvez as influções mysteriosas dos ares que respirou em criança que lhe deram essa actividade febril que manifestou até aos ultimos dias da sua vida e que tanto o distanciavam dos nossos habitos indolentes de meridionaes.

Não cabe nos estreitos limites marcados a este ar-

tigo, desenhar, nem sequer em rapidos traços, a physionomia intellectual d'esse fidalgo, fadado pelo nome glorioso que herdára, a desempenhar um papel importante no nosso mundo das letras. Lembraremos apenas que o marquez de Sousa, cuja vasta instrução essencialmente moderna fazia d'elle um erudito apreciavel em varios pontos do saber humano, levado pelas tendencias especiaes do seu talento e pelas predilecções do seu espirito para os estudos artisticos, accetando a nomeação de vice-inspector da Academia das Bellas Artes, poz ao serviço da arte portugueza todas as suas faculdades, e que, se os seus esforços não foram fructuosos, não é só a elle que devem attribuir-se as culpas d'esse mallogro.

O que nos falta em Portugal é sobretudo uma atmosphera artistica. Falta-nos o gosto pela arte, no governo e nos particulares, falta-nos artistas, com algumas excepções, a grande educação intellectual. Emquanto os governos nunca se lembrarem de encommendar uma obra de arte para os edificios que mandam construir, emquanto nas camaras portuguezas a arte fór representada por pessimos retratos d'el-rei ao passo que no congresso hespanhol os quadros magistraes dos mestres ornaram as paredes das salas, emquanto os nossos opulentos preferirem a uma estatua artistica um boneco de factura franceza, a arte não caminha. Emquanto os artistas tambem imaginarem que a arte não tem ideal, nem aspirações, nem poesia, e suppozerem, como ouvimos dizer a um pintor illustre, que uma cœnoura pintada por Pedro Paulo Rubens vale mais do que um quadro de concepção magnifica pintado mediocremente, a arte não merece caminhar.

O marquez de Sousa pro-



MONSENHOR JOAQUIM PINTO DE CAMPOS (Segundo uma photographia de M. Filon)

nome se combate, mas em que menos se cuida.

PINHEIRO CHAGAS.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA SUISSA NO CAMPO DE MARTE (Segundo uma photographia)

curou despertar a indifferença publica, e procurou fundar o que tanto falta entre nós, — a litteratura artistica. Os seus trabalhos para conseguir a criação de um museu nacional e formação da Galeria academica são altamente dignos de louvor. A *Vida de Domingos Antonio de Sequeira* escripta por elle e que ficou quasi inedita é uma obra excellente, que dá honra ao seu talento de escriptor, e que constitue um alto serviço prestado pelo marquez á arte portugueza. Mas em Portugal os serviços, por mais relevantes que sejam, são facilmente esquecidos, e as fraquezas do caracter avultam de um modo exorbitante; por isso o marquez de Sousa, apesar da sua nobre intelligencia, e dos serviços reaes que prestou á arte, viveu em lucta constante com os artistas, e é possivel que estes tivessem razão muitas vezes. Mas quando os que lidam no mesmo campo não tem uns pelos outros a indulgencia fraternal que evita muitos attritos, não se admirem de que o publico encolla os hombros, e passe adiante desdenhando essa pobre arte que n'essas luctas é afinal de contas a entidade em cujo

EXCERPTOS

Viver é perder a vida, e perdê-la é morrer, e morrer é deixar de ser, que o nosso viver e o nosso ser andam ao olivel unidos e inseparaveis um do outro.

Melhor é por ser bom ser murmurado dos mãos, que por ser máo ser odioso aos bons.

A verdadeira philosophia começa no homem pela consideração de si mesmo.

FR. H. PINTO.

JOAQUIM PINTO DE CAMPOS

O OCCIDENTE dá hoje nas suas paginas o retrato de um escriptor distincto que, achando-se n'este momento de visita em Portugal, é mercadamente credor de tão singela homenagem pelos assignalados dotes da sua intelligencia e do seu caracter. Na galeria dos homens illustres do Brazil, Joaquim Pinto de Campos, auctor da *Jerusalem* e do moderno livro a *Vida do duque de Caxias*, tem um logar proeminente, e nós saudando-o na sua passagem pelo nosso paiz, satisfazemos simplesmente uma divida de gratidão para com o trabalhador infatigavel que tanto sabe honrar a lingua em que escreve e as tradições do povo de que descende.

Não é nosso proposito acompanhar o retrato do auctor da *Jerusalem* de uma biographia completa. Não passamos estas palavras de uma simples nota posta á margem do retrato na intenção de assignalar o perfil da sua individualidade moral. Diremos pois o que fôr bastante para satisfazer a este preceito.

Joaquim Pinto de Campos é um apostolo convicto do evangelho da caridade e do evangelho da sciencia. Na tribuna sagrada é missionario de Christo; na tribuna profana é missionario da civilização. Nasceu na heroica provincia de Pernambuco em 1819, desde que teve forças para lutar, tomou parte em todos os debates politicos ou religiosos que interessavam a sua terra natal, prestando em 1848 relevantes serviços á causa da ordem publica nas discordias que agitaram por algum tempo aquella provincia. Deputado em muitas sessões á assembléa geral legislativa, a sua palavra eloquente fez-se sempre ouvir em prol dos interesses do Brazil e dos povos que representava. Foi elle o relator da commissão que em 1871 deu o parecer para a abolição do estado servil, por occasião do gabinete presidido pelo visconde do Rio Branco apresentar nas camaras a proposta de lei que remiu a nação brasileira da macula odiosa da escravidão. Aquelle parecer devido á sua penna e que hoje corre impresso em mais de uma lingua, honra tanto o sacerdote como o escriptor e bastaria só por si para fazer a gloria do mais distincto parlamentar.

A provincia de Pernambuco não só elegeu o distincto escriptor seu deputado, consecutivamente em muitas legislaturas, mas deu-lhe ainda mais alta prova de consideração propondo-o cinco vezes seguidas para senador do imperio na lista triplice formulada por occasião de vagaturas na camara alta. Infelizmente para a provincia, entre o poder imperial e a inteireza de caracter do illustre deputado, havia incompatibilidades que foram superiores aos interesses dos povos.

Já o leitor póde avaliar que ha na vida do auctor da *Jerusalem* incidentes que bastem para a larga e brilhante biographia de um homem do mundo. O nosso proposito, porém, é acentuar os traços principaes do retrato moral do individuo sem mencionarmos sequer os titulos academicos do escriptor, nem as veneras que pendem ao peito do sacerdote e do tribuno.

Joaquim Pinto de Campos, homem politico, é conservador na acção pura e generosa d'esta palavra, como não se póde comprehender que deixe de o ser quem tem por missão especial evangelisar a tradição. Mas conservador, nas camaras brasileiras foi todavia o primeiro propugnador, o defensor extrenno da medida mais radical e mais revolucionaria votada nos tempos modernos pelo parlamento brasileiro — a abolição do estado servil. Sendo um dos melhores amigos de Alexandre Herculano, collocou-se ao seu lado na celebre pugna travada entre o grande historiador e o clero, soltando de longe palavras conciliadoras no meio da refrega. A este facto allude Herculano no prologo de um dos seus livros. Exemplo vivo de que o evangelho não é irreconciliavel com o espirito moderno, o auctor da *Jerusalem* correspondia-se ao mesmo tempo com os homens do mundo, com os escriptores mais notaveis do seu tempo, e com Pio IX que o nomeava seu prelado domestico com o titulo de monsenhor.

O que o escriptor valle como espirito essencialmente crente e que bebeu as suas inspirações nas mais puras fontes do christianismo, mostra o seu livro *Jerusalem*, formosissima descripção dos logares santos, animado d'aquella fragrante poesia que fez a gloria de Chateaubriand. Como escriptor da sua epoca, sabe-lo apreciar os factos mais estranhos, aparentemente, á sua educação e aos seus estudos, assignala-se sobretudo no seu ultimo livro a *Vida do duque de Caxias*.

Este livro é a biographia do vulto militar mais saliente de que o Brazil se ufana, e ao qual por assim dizer está ligada a sua moderna historia, e ao mesmo tempo a apreciação critica dos mais notaveis feitos d'armas do imperio — a campanha do Paraguay. Esta questão que tanto tempo preoccupou a Europa não tinha ainda historia. A *Vida do duque de Caxias* projecta sobre ella verdadeira luz e põe a claro acontecimentos até hoje pouco explicados. N'este livro revela-se a par da sciencia dos factos a sciencia da linguagem. É a historia d'uma campanha, e ao mesmo tempo quasi a historia de uma epoca, porque falando de um estadista e de um militar eminente como o duque de Caxias é quasi impossivel abstrahir da sociedade em que dominou, do meio que o produziu, e dos acontecimentos em que revelou a sua coragem civica e militar.

Bastava pois este livro, sem ser preciso recorrer a tantos outros trabalhos valiosos que assignalam o distincto escriptor como um dos obreiros mais infatigaveis, e um dos estylistas mais vernaculos da nossa lingua, para estabelecer a solida reputação d'um author. A gratidão dos portuguezes tem o pensador e o poeta de *Jerusalem* direitos incontestaveis, pelo profundo amor que professa pelas nossas cousas,

pelo respeito que tributa ás nossas tradições, pelo afan com que procura sempre honrar o nosso nome.

O OCCIDENTE dando pois o retrato do escriptor que assim acaba de dotar a lingua portugueza com um livro tão valioso, não só presta uma homenagem, mas satisfaz tambem á sua missão d'assignalar os factos e os homens notaveis que, n'um dado momento, mereceram por justos titulos a attenção e o respeito dos contemporaneos.

ALBERTO GAMA.

NOTAS SOLTAS

A PROPOSITO DE FRANCISCO DE SÁ DE MIRANDA

Na elogia *Salicio*, escripta por este poeta á morte de Garcilasso de la Vega, preciosa por muitos dados para a biographia de Francisco de Sá, lê-se a seguinte passagem:

Al tan antiguo aprisco
De Lasso de la Vega
Tuvo el nuestro de Sá viste ayuntado

que debalde os biographos tem querido explicar.

Muitas diligencias tem feito os criticos modernos para esclarecer este enlace das duas notaveis casas da peninsula, mas sem resultado. O sr. Theophilo Braga, que tão diligentemente apurou e combinou datas e factos, para reconstruir a biographia do poeta, não ponde desatar essa difficuldade; nem nós, que por esse tempo, algumas investigações fizemos a tal respeito, tambem nada encontramos que nos satisfizesse.

Um acaso porem nos deparou, o que em vão tanto tempo havia procurávamos. Folheando a diverso proposito o livro de genealogias de D. Antonio de Lima, encontramos o que tanto desejávamos; e completando as indicações do antigo genealogico, com as de João Alves abbade de Esmoriz, chegámos ao apuramento seguinte.

Gaspar de Bettencourt, filho segundo de Henrique de Bettencourt, sobrinho de João de Bettencourt, que foi rei das Canarias — veio com seu irmão mais velho Henrique, e seu tio Maciot de Bettencourt, das Canarias á ilha da Madeira. Casou com D. Guilomar de Sá, filha de João de Sá (filho bastardo de João Rodrigues de Sá, o das Galés) e de sua mulher D. Francisca de Sousa, filha de Gil Affonso de Magalhães, senhor da terra de Nobrega.

Destes, Gaspar de Bettencourt e D. Guilomar de Sá, nasceram:

1.º João de Bettencourt.

2.º Henrique de Bettencourt, que serviu na Africa em tempo de Nuno Fernandes d'Alaide, e se achou tambem com o duque D. Jayme na empresa de Azamor, e casando com D. Maria de Azevedo, filha de Manuel d'Oliveira, secretario da Rainha D. Leonôr, teve uma filha, que desposou D. Alvaro de Lima, filho de D. Pedro de Gusmão, fidalgo castelhano julgado nas comunidades.

3.º Rafael de Bettencourt, que morreu solteiro.

4.º D. Margarida de Bettencourt, mulher de Pedro Rodrigues da Camara, sem geração, os quaes no anno de 1536 fundaram o mosteiro de Jesus, de religiosas de Santa Clara, da regra de S. Francisco, na Ribeira Grande da ilha de S. Miguel.

5.º D. Brites de Sá, dama da imperatriz D. Isabel, que casou com D. Pedro Lasso de la Vega, senhor dos Arcos, e outras terras que havia perdido por ser um dos das comunidades, e por este casamento se lhe restituiram.

6.º D. Isabel de Sá, camareira da dita imperatriz, que criou a rainha de Boemia, D. Maria, mulher do imperador Maximiliano II, a qual se casou como ás escondidas, com seu cunhado D. Pedro Lasso, por sua irmã não ter filhos, como ella tambem os não teve.

7.º D. Guilomar de Sá, mulher de Antonio Juzarte de Mello, filho de Pedro Juzarte, senhor de Arralolos, e depois mulher de D. Fernando de Castro.

De cuja genealogia se vê, como pelos casamentos de D. Pedro Lasso de la Vega, senhor dos Arcos, com as duas irmãs D. Brites e D. Isabel, bisnetas do famoso João Rodrigues de Sá, o das Galés, se via ajuntar no antigo aprisco dos Lassos de la Vega, o dos Sás Coloneses, de que era oriundo Francisco de Sá de Miranda, sendo tambem bisneto do mesmo Sá das Galés, e segundo primo das duas damas referidas.

Eis pois explicada a citação. Não fiquemos sem notar a grande importancia que a familia dos Sás gosava então na peninsula, visto que fidalgos espanhoes, e da primeira nobreza, que se achavam comprometidos no seu paiz, pelos motivos politicos da celebre alteração dos communos, buscavam a sua alliança com afineo, naturalmente — como se deprehende das palavras do genealogico e por este casamento se lhe restituiram — porque ella lhes proporcionava meio de serem relevados da desgraça e confisco.

JACINTHO PERES.

1 O P.º Cord-iro Hist. Inzul. liv. 5.º cap. 7 § 41 chama-lhe D. Maria.

2 Esta data é de João Alves; o P.º Cardeiro loc. cit. dá-lhe a de 1575.

O MELÕES

O Melões é um conto singelíssimo de Bretó Harro, escriptor norte-americano.

Estou d'aquí vendo os meus amigos fazer uma careta e exclamar, indignados, em coro: «Uma tradução! Não pôde ser, tenha paciência!»

Uma tradução, sim, senhores! Se queisam que nas columnas do seu periodico se figurassem originaes portuguezas, dessem-lhe outro titulo. Baptizando-o com o nome de Occidente, contrahiram, a meu ver, a obrigação de, pelo menos, dar aos seus leitores uma idéa do melhor que a arte tem produzido n'esta parte do nosso globo. E não julgarem que, especialmente para aquelles que seguem com olhar avido o progresso das artes e lettras, não redobrarão de interesse a sua já tão bem conceitua publicação, offerecendo-lhes produções de auctores de verdadeiro merito, e até, vou ainda mais longa, algumas criticas serenas e desapassionadas.

Desenganemo-nos, meus amigos. Como os nossos jardins, que recebem a cada passo arvores e plantas exóticas, o vasto campo da litteratura admittie as produções de todos os paizes. Enriquecem-se as idéas; recream-se os espiritos com a variedade; termino-nos, por este meio, espectadores das obras estrangeiras, sem fadiga, sem perigo. Somos cosmopolitas na terra da patria, e não sabemos do proprio lar.

Do mesmo modo, porém, que a arvore das regiões hyperboreas ou das zonas tropicaes, transportada para os nossos climas, não poderia, por maiores que fossem os nossos cuidados, desenvolver toda a força e belleza que o solo natal lhe prodigia sob a influencia de um céu amigo; assim tambem o escriptor estrangeiro, transportado para outra lingua, deve, inevitavelmente, perder um poucozinho da sua energia, ou graça genial.

Mas, o que se quer conhecer do escriptor estrangeiro, é o pensamento, e o estylo que elle emprega para o apresentar, bem como as roupas com que o vestiu; roupas que, como na pintura, devem sempre accuar o m.

Que diriamos nós de um pintor, que tendo em vista representar um gladiador romano lhe pozessa na cabeça um chapéo serrano e nos hombros uma capa á hispanhola?

So não me enganar, é justamente isso o que costumam fazer os traductores, que, para evitar certas difficuldades, alteram-nas sem cerimonia, e em vez de nos dar para a phrase ingleza, franceza ou allemã, substituem-na por suppostos equivalentes, mascarando assim e occultando-nos o original, e privando-nos de o admirar tal como a natureza o modelou, tal como o seu paiz e o seu seculo o poliram.

Ora, os Inglezes e os Allemães são quasi desconhecidos entre nós. Os seus idiomas, ligados de difficuldades, nascidas todas ellas, para assim dizer, da simplicidade de um e da riqueza do outro, assustam a maior parte dos que teriam desejo de os estudar, resultando d'este medo, quasi geral, que muy raros chegam a aprofundar-se. D'aquí procede que, as traduções, em geral, são indigestas, incorrectas, desagradaveis; poucas pessoas se sentem com coragem para as ler; e os povos de além da Mancha, e de além do Rheno, consideram-nos como gente futil, incapaz de os apreciar. Estão certo que d'aquí a alguns annos nos hão de fazer justiça!

Longo de mim a pretensão de preencher, eu só, a lacuna que apontei. Apesar da familiaridade um pouco com as linguas do norte, não ousaria tomar sobre os meus hombros tão pesado fardo, e nos ensaios que offereço aos leitores do Occidente, apenas tenho em mira excitar, pelo meu exemplo, homens mais competentes do que eu, para desbravar este terreno onde, a cada passo, se encontram assumptos dignos de estudo, não menos do que de admiração.

FRANCISCO D'ALMEIDA

Como em supponho que nenhum dos meus amáveis leitores, ainda o mais benevolo, acreditará que um padrinho de baptismo assumisse de boamente a responsabilidade de semelhante nome, posso declarar sem receio ter toda a razão para inferir que Melões era simplesmente a alcunha de um rapazinho que em tempos conheci. Se tinha outro nome, nunca pude saber-o.

Engendrei, por vezes, varias theorias a ver se podia descobrir a origem de tão extraordinario appellido. A cabeça, coberta de uma penugem parecida com a que reveste os pintainhos e atravez da qual se lhe via perfeitamente a molleira, talvez houvesse despertado n'uma imaginação fertil a idéa do succulento vegetal. Que os paes, achando uma tal ou qual significação poetica nos fructos do tempo, dessem o nome de Melões a uma creança nascida em agosto, seria uma explicação oriental. O que me parece mais provavel, attendendo a que a phantasia não era o forte do pateo de Mac Ginnis, é que o rapaz desde que se entendia gostava de saborear o seu melão. Todas as manhãs elle me apparecia como os melões. A sua presença era sempre annunciada por gritos juvenis e esgançados: «Oh, Melões!» ou em tom de gracejo «Olé, Melões!» ou com um modo doutoral «Tu, Melões!»

O pateo de Mac Ginnis era uma expressão democratica de algum proprietario esturrado do partido radical. Occupando um espaço limitado entre duas ruas aristocraticas, não queria amoldar-se ás circumstancias; fazia alarde das suas glorias vãs e não poucas vezes allegava os seus direitos em linguagem pouco grammatical. A minha janella — quarto nas trazeiras do rez-do-chão — participava assim da luz sombria do pateo. O parapeito era tão baixo, que se em mim houvesse algumas disposições para o somnambuli-mo, com certeza sob tão favoraveis auspicios, o mal se teria desenvolvido, e eu muitas vezes houvera caldo como um avejão no pateo de Mac Ginnis. As minhas investigações acerca da origem do pateo não ficaram absolutamente sem recompensa: uma vez vi da minha janella o passado como por um oculo fôco. Era uma sombra celtica que n'uma madrugada desnor-teou as minhas idéas preconcebidas. Parecia pertencer a um individuo de jaquetão, barba rizada, cachimbo curto e grosso. Arrimado a um enorme bengalão, examinava attentamente o pateo, á maneira d'aquelles heroes que visitam com ares tragicos o palco scenico das suas rapaziadas. Ora, não abundando o pateo em bellezas architectonicas, conclui que seria Mac Ginnis passando revista á sua propriedade. E esta minha opinião fortaleceu-se um pouco quando elle desviou cuidadosamente do caminho, com um pontapé, uma garrafa partida. Pouco depois retirou-se, e o pateo nunca mais tornou a vel-o. Provavelmente recebe as rendas por mão do procurador — se acaso as recebe.

Exceptuando Melões, a proposito de quem eu trouxe tudo isto, pouco ali havia que pudesse interessar ainda ao espirito mais exaltado. Como ordinariamente succede em semelhantes localidades, por mais que se lavasse, os resultados nunca se faziam sentir. Tanto fóra como

dentro do pateo, era um constante varrer de cousas que, roalmente, parecia brotarem do solo. Debaixo da minha janella, espregulçava-se indolentemente um geranio — de certo a mais bella de todas as plantas creadas para regalo da humanidade. Foi atravez das suas folhas empoelradas, que eu vi esboçar-se o Melões pela primeira vez.

Teria uns sete annos. Apparentava de mais velho por causa da veneranda careca; e era impossivel calcular-se-lhe a altura porque usava sempre falo que parecia pertencer a um rapaz de dezanove. O seu vestuario de todos os dias, vestuario completo, consistia n'um par de calças, seguras por um suspensorio. Como elle, com esta superfluidade de roupa, se podia dar a exercicios gymnasticos, em que, na verdade, era insigne, esse foi sempre para mim o mysterio. A roda de sege e outras deslocções de somenos importancia eram, ordinariamente, desempenhadas com toda a mestria. Não era raro ver o Melões suspenso de uma corda, ou a sua veneranda cabeça assomar por cima dos telhados. Conhecia perfeitamente a altura de todos os muros da vizinhança, a facilidade de os escalar, e o grau de possibilidade de apanhar alguma cousa do outro lado. O seu divertimento mais innocente reduzia-se a arrastar uma panella velha, presa a uma corda, fazendo um barulho infernal, como a bomba quando vac para o fogo.

Melões não era muito de companhias. Apenas lá uma ou outra vez convidava algum rapaz da mesma idade, de quem elle, já se vê, em pouco tempo se aborrecia, e nas suas excursões só tinha em vista a aquisição de garrafas velhas e pedaços de corda com que enriquecia o emporio de Mac Ginnis. Um dia, aborrecido do isolamento, lembrou-se de attrahir ao pateo um harpista cego. Julgando ser outro o sitio, duas horas andou aquelle pobre homem, no seu triste fadario, para cá, para lá, sem obter a menor recompensa, e o meu Melões, muito tranquillo e satisfeito, sentado n'um muro, revendo-se na sua obra. Era esta falta de consciencia que desacreditava o Melões no conceito dos seus vizinhos aristocraticos. Logo prohibição expressa de brincar com elle a todas as creanças das familias ricas e piedosas do sitio. A ordem, escusado é dizel-o, deu em resultado o Melões d'aquí em diante ser visto por aquelles innocentes, rodeado de uma aureola fascinante. De todas as janellas caíam sobre elle olhares de pasmo. Os dedos pequeninos estavam constantemente a apontal-o. Os convites aristocraticos, em voz baixa, já se vê, para tomar chá, ferviam; elle nunca aceitava, não por falta de desejos. Em summa, despresado por conveniencias de familia, não deixava, comtudo, de gozar da fama de bom rapaz e de possuir as melhores qualidades tanto physicas como moraes.

Uma tarde deu-se um facto, que causou grande susto a toda a vizinhança do pateo de Mac Ginnis. Attrahido por um papagalhar extraordinario, chego á janella, e que hei de ver? O Melões empoleirado na beira de um telhado, puchando uma corda a cuja extremidade inferior, já na altura de meio predio, se agarrava um pequenito de uma casa rica, chamado Thomaziinho. Em vão o mulhierio reunido no saguão, se esfultava a descompor o Melões; em vão o infeliz pae lhe mostrava os punhos cerrados. Forte na sua posição, o Melões continhou tranquillo o seu trabalho, até pôr o pequenito no telhado. Foi então que se descobriu o facto humilhante do conluio dos dois. O Thomaziinho arroganhava os dentes para os paes, muito ancho, como se o merito o tivesse elevado áquellas alturas. Antes de chegar a escada de mão para lhe acudir, jurou elle inteira amizade ao Melões, e sinto dizel-o, incitado pelo audacioso rapaz, entregou-se-lhe em corpo e alma. De repente, e quando menos o esperava, sentiu-se agarrado; — Melões, como era natural, safou-se. Depois d'isto, Thomaz apenas tinha licença para chegar á janella, limitando-se o trato entre os dois a «Ó Melões!» e «Ó Thomaz!» e as tenções praticas do Melões caducaram para sempre. Debalde procurei descobrir em Melões signaes de tristeza; abafou a dôr, se é que a teve, dentro do seu desmesurado vestuario.

(Continua)

RUINAS DO PALACIO DO CONDE DA ERICEIRA

Quem entra na villa da Ericeira pela *Calçada Real* vê logo na primeira travessa que encontra, á direita, o pomposo nome de *Rua do Paço*. Deu-lh'o o palacio, hoje em ruinas, que a gravura representa.

Como se vê, a construção do edificio era extremamente vulgar. E nos estragos do tempo que principiou a abater telhados, a derruir paredes, e a arrombar as portas e as janellas, não se distingue o caracter peculiar de grandeza severa, ou de suave melancholia, que tem aos olhos da philosophia e da arte o triste desbarato das cousas humanas. Quando muito, o pipiar das aves, que all fazem agora seus ninhos, poderá talvez despertar o sentimento poetico n'alguma d'estas almas de eleição, que a ruim prosa do seculo não tenha ainda avassallado á sua constante preocupação de melhoramentos materiaes.

Não foi, portanto, o estylo da architectura, nem a vista pittoresca das ruinas, que moveram um lapis grosseiro a esboçar imperfeitamente o velho casarão da *Rua do Paço*; sim, a memoria veneranda dos condes da Ericeira, tão illustres e afamados por sua apurada cultura intellectual, hereditaria n'aquella casa.

Na *Revolução de Setembro*, de 30 de outubro de 1874, escreveu a este proposito o sr. L. A. Palmeirim as seguintes linhas: — «O palacio de D. Luiz de Menezes, general de artilheria e veador de D. Pedro II, menos honrado por estas distincções sociaes do que por haver escripto o *Portugal Restaurado*, é apenas um informe montão de pedras, tendo por appendice uma horta cultivada por mãos que visivelmente não

praticaram na Granja as theorias recebidas no Instituto Agrícola. — Duas janellas, e uma porta pintada a almagre, é tudo o que resta do solar dos condes da Ericeira, senhores que tambem foram do celebre palacio da Annunciada, devorado pelo fogo por occasião do terramoto de 1733, e que passava por ser a mais artistica e realenga residencia da capital, quer pela sua contextura externa, quer pela sumptuosidade dos seus museus, jardins, e biobliotheca, sem rivaes entre a fidalguia da epoca, que não era de certo a mais desvalida da Europa.

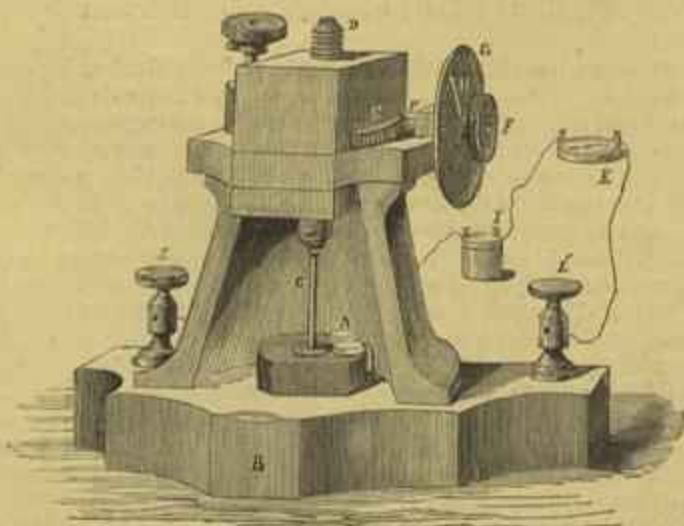
Finalmente, diz o auctor do *Portugal Antigo e Moderno* que nunca chegou a concluir-se esse palacio, o qual se julga ser obra do 3.º conde, D. Luiz, o famoso historiador da restauração de Portugal.

ALBERTO TELLES.

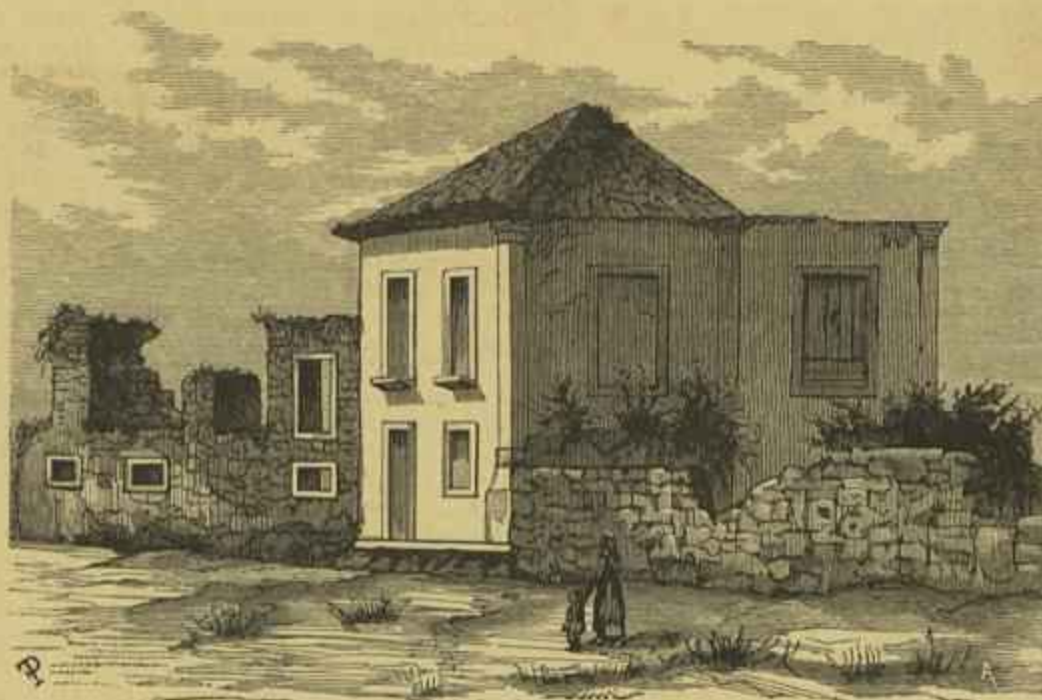
ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

Micro-tasimetro de Edison

Se ha empregado que conscienciosamente desempenhe o seu logar é sem duvida alguma Thomaz Edison; pago para inventar por conta da sociedade de Johnson, Creak & C.ª, não cessa o auctor do phonographo de lançar na circulação invenções mais ou menos felizes do seu fecundo genio. Uma das suas ultimas lucubrações deu em resultado um instrumento, que denominou *Micro-tasimetro*, o qual serve para medir pequenas variações de temperatura.

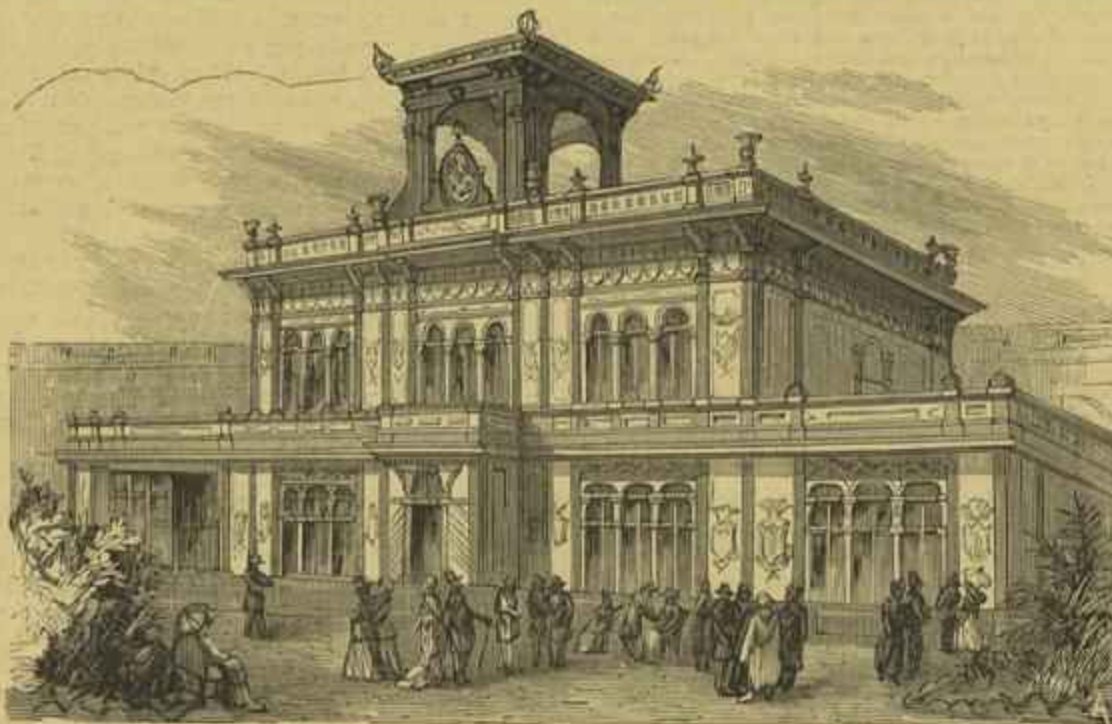


Compõe-se o micro-tasimetro de um disco de carvão contido entre dois discos de metal, dentro de uma caixa *A*; o disco debaixo é fixo, e o de cima é apoiado sobre o carvão por uma haste metallica *C*, disposta de modo a apresentar á acção do calor a maior superficie no menor volume.



RUINAS DO PAÇO DO CONDE DA ERICEIRA (Segundo um esboço do sr. Alberto Telles)

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS NO CAMPO DE MARTE (Segundo uma photographia)

A corrente electrica de uma pilha *I* passa pelo botão metallico *L*, disco metallico inferior, disco de carvão e disco metallico superior, sae pelo botão metallico *L'* e vae depois a um galvanometro *K*, cuja agulha magnetica se desvia quando a corrente passa, e tanto mais quanto mais intensa ella é. Quando a acção do calor augmenta sobre a haste, esta dilata-se, e comprime mais o carvão, o que o torna melhor conductor da electricidade; d'aqui resulta que a corrente electrica passa mais facilmente, e sua intensidade augmenta sobre o galvanometro, cuja agulha mais se desvia então. D'este modo as mais pequenas differenças de temperatura são indicadas pelos desvios da agulha do galvanometro. Um parafuso *D* permite regular a pressão inicial sobre o carvão por meio da roda dentada *E* e porca *F*, indicando a agulha *H* sobre o disco graduado *G* a maior ou menor pressão exercida.

F. BENEVIDES.

ERRATA

No numero antecedente de Pag. 158 titulos das duas estampas — onde se lê 15 de agosto, deve lêr-se 15 de setembro.

EXPEDIENTE

É correspondente d'esta empreza na cidade de Pelotas, no Brazil, o sr. Plotino Amaro Duarte.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

... e nos aventaes lançando mãos cheias de rebuçados.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Tesouro Velho, 6